Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

GESTÃO E SALVAGUARDA DE SABERES DOS POVOS ORIGINÁRIOS: UM MODELO DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA AS ARTESÃS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO[1]

MANAGEMENT AND SAFEGUARDING OF INDIGENOUS PEOPLES' KNOWLEDGE: A KNOWLEDGE ORGANIZATION MODEL FOR INDIGENOUS ARTISANS OF THE UPPER RIO NEGRO

GESTIÓN Y SALVAGUARDIA DE LOS SABERES DE LOS PUEBLOS ORIGINARIOS: UN MODELO DE ORGANIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO PARA LAS ARTESANAS INDÍGENAS DEL ALTO RIO NEGRO

Marcos Roberto de Souza Gomes[2]
Célia Regina Simonetti Barbalho[3]
Angela Emi Yanai[4]

Submetido em: 11/03/2026
Aprovado em: 19/07/2026
Publicado em: 31/07/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade turnitin

[1] Artigo foi submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no GT 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento do XXV Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) 2025.

[2] Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: mrobertosg@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8418-6313.

[3] Doutora em Comunicação e Semiótica. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: simonetti@ufam.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4657-9156.

[4] Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: angela_yanai@ufam.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8691-8784.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo: Este artigo reflete sobre a gestão do conhecimento indígena voltada à produção artesanal, buscando responder como modelos internacionais podem fortalecer e proteger os saberes das mulheres indígenas amazônicas. O estudo fundamenta-se na premissa de que o artesanato indígena é uma coleção dinâmica de saberes tradicionais que representam identidade cultural e promovem benefícios à saúde e ao bem-estar. A pesquisa exploratória realizou uma análise comparativa de iniciativas globais bem-sucedidas — como a Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia (TKDL), o Portal do Conhecimento Tradicional Coreano (KTKP), os Arts Centres Australianos, Honey Bee Network e Registros estatais — para identificar estratégias de proteção defensiva contra a apropriação indevida e promoção da inovação. Como resultado prático, foi proposta a criação de um repositório digital para a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), em Manaus. O modelo adotado estruturou a arquitetura informacional para salvaguardar arquivos administrativos, históricos e colaborativos, incluindo um memorial com relatos de anciãs coletados via entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que a externalização e documentação do conhecimento tradicional são vitais para a salvaguarda de práticas milenares, permitindo que a própria comunidade gerencie seu patrimônio cultural e assegure a transmissão intergeracional desses saberes.

Palavras-Chave: gestão do conhecimento indígena; conhecimento tradicional; artesanato indígena; mulheres indígenas amazônicas.

Abstract: This article reflects on indigenous knowledge management focused on craft production, seeking to understand how international models can strengthen and protect the expertise of Amazonian indigenous women. The study is based on the premise that indigenous crafts are a dynamic collection of traditional knowledge that represents cultural identity and promotes health and well-being. The exploratory research involved a comparative analysis of successful global initiatives—such as India's Traditional Knowledge Digital Library (TKDL), the Korean Traditional Knowledge Portal (KTKP), Australian Arts Centres, Honey Bee Network and State Registers —to identify strategies for defensive protection against misappropriation and the promotion of innovation. As a practical result, the creation of a digital repository for the Association of Indigenous Women of the Upper Rio Negro (AMARN) in Manaus was proposed. The adopted model structured the informational architecture to safeguard administrative, historical, and collaborative files, including a memorial with reports from elders collected through semi-structured interviews. The study concludes that the externalization and documentation of traditional knowledge are vital for safeguarding millenary practices, allowing the community itself to manage its cultural heritage and ensure the intergenerational transmission of this knowledge.

Keywords: Indigenous knowledge management; traditional knowledge; indigenous crafts; Amazonian indigenous women.

Resumen: Este artículo reflexiona sobre la gestión del conocimiento indígena orientada a la producción artesanal, buscando responder cómo los modelos internacionales pueden fortalecer y proteger los saberes de las mujeres indígenas amazónicas. El estudio se fundamenta en la premisa de que la artesanía indígena es una colección dinámica de saberes tradicionales que representan la identidad cultural y promueven beneficios para la salud y el bienestar. La investigación exploratoria realizó un análisis comparativo de iniciativas globales exitosas —como la Biblioteca Digital de Conocimientos Tradicionales de la India (TKDL), el Portal del Conocimiento Tradicional Coreano (KTKP), los Arts Centres Australianos, Honey Bee Network y Registros estatales— para identificar estrategias de protección defensiva contra la apropiación indebida y la promoción de la innovación. Como resultado práctico, se propuso la

creación de un repositorio digital para la Asociación de Mujeres Indígenas del Alto Río Negro (AMARN), en Manaos. El modelo adoptado estructuró la arquitectura informacional para salvaguardar archivos administrativos, históricos y colaborativos, incluyendo un memorial con relatos de ancianas recopilados mediante entrevistas semiestructuradas. Se concluye que la externalización y documentación del conocimiento tradicional son vitales para la salvaguardia de prácticas milenarias, permitiendo que la propia comunidad gestione su patrimonio cultural y asegure la transmisión intergeneracional de estos saberes.

Palabras clave: Gestión del conocimiento indígena; conocimiento tradicional; artesanía indígena; mujeres indígenas amazónicas.

1 INTRODUÇÃO

A gênese da produção artesanal confunde-se com a própria trajetória de sobrevivência da humanidade. Na contemporaneidade, essa prática consolidou-se como um pilar da economia criativa, impulsionando fluxos de bens que geram renda e ocupação para pequenos grupos produtores, com destaque para as populações indígenas, objeto deste estudo.

Nesse panorama, Mekonen e Eshetu (2024) sustentam que a inovação e a manufatura artesanal, amparadas no saber ancestral, são elementos vitais para a subsistência dessas comunidades. Tais atividades não apenas viabilizam o sustento econômico, mas atuam diretamente na preservação da biodiversidade e na salvaguarda de valores socioculturais.

Embora o conceito de artesanato careça de uma definição universal, o Conselho Mundial de Artesanato (Bogotá, 1996) caracteriza-o como a produção de objetos acabados de forma manual ou por meios tradicionais, onde predominam a destreza, a qualidade e a inventividade (SEBRAE, 2004 *apud* Barros, 2006). Esta perspectiva permite interpretar o artesanato como um reflexo do ecossistema social do artesão, diferenciando-se da produção industrial por apresentar uma série de objetos que, embora

semelhantes, preservam sua individualidade (Barros, 2006).

A carga de representatividade contida nessas peças as transforma em expressões únicas da identidade de um povo. O artesanato facilita a compreensão de ferramentas e obras de arte cujas técnicas, transmitidas intergeracionalmente, tornam-se patrimônio imaterial dessas comunidades. Corroborando essa visão, Gomes (2024) enfatiza que o artesanato indígena é um "corpo dinâmico de saberes", continuamente desenvolvido e transmitido, funcionando como o cerne da identidade cultural.

Segundo Mekonen e Eshetu (2024), a produção indígena resulta de um processo empírico de experimentação com recursos locais, fundamentado na história e no legado cultural. Os autores observam que, ao projetar um artesanato criativo moldado por fatores sociais, esses empreendimentos tornam-se vanguardistas na exploração do conhecimento local e na manutenção da cultura, revelando um conhecimento tácito que impulsiona práticas culturais inovadoras.

Sob essa ótica, Sydora *et al*. (2023) destacam que o artesanato indígena possui uma trajetória histórica densa, com ofícios muitas vezes restritos a linhagens familiares específicas. A fabricação desses itens é indissociável da identidade étnica, gerando sentimentos de orgulho e pertencimento nos criadores. Para os autores, o produto final é o resultado direto de um processo de transferência de ensinamentos culturais e saberes tradicionais.

No Brasil, a arte indígena manifesta uma pluralidade cultural ímpar. Essa riqueza materializa-se em produções distintas: a) Cestaria: Como os exemplares dos *Waura* e *Mehinaku* (Alto Xingu), com seus complexos grafismos em arumã; b) Cerâmica: As peças utilitárias e rituais das mulheres *Baniwa* (Rio Negro), que traduzem

sua cosmologia em desenhos; c) Adornos: O uso mestre de miçangas e plumas pelos *Kayapó*; d) Tecelagem: O trabalho em tear com padrões exclusivos dos *Kariri-Xocó*. Esta vasta produção demanda uma análise cuidadosa sob a ótica da gestão do conhecimento, visto que tais manifestações fundamentam o empreendedorismo indígena no país.

Diante do exposto, este artigo propõe o seguinte problema de pesquisa: "Como os modelos internacionais de proteção e gestão do conhecimento tradicional podem ser adaptados para fortalecer, valorizar e proteger os saberes artesanais das mulheres indígenas amazônicas?". O objetivo central é refletir sobre a gestão do conhecimento indígena aplicada à produção artesanal, evidenciando mecanismos globais de proteção ao saber tradicional.

Estruturalmente, o texto apresenta uma fundamentação teórica sobre os elementos da gestão do conhecimento no artesanato indígena; a pesquisa exploratória baseada na análise comparativa de modelos internacionais de sucesso e a proposição de um modelo de gestão e salvaguarda direcionado às artesãs indígenas.

2 ARTE ENQUANTO AÇÃO HOLÍSTICA DO CONHECIMENTO INDÍGENA

Ao examinarem o papel do artesanato indígena como veículo de transmissão de saberes tradicionais entre gerações — especificamente de parentes e anciãs para jovens e mulheres indígenas no Canadá —, Sydora *et al*. (2023) sustentam que essas práticas artesanais desfrutam de um reconhecimento crescente. Para os autores, tais atividades são fundamentais por promoverem a

coesão comunitária, o fortalecimento da identidade cultural, a saúde e o bem-estar individual.

Em consonância com essa perspectiva, Goes, Lungu e Maseko (2023, p. 8) reforçam a relevância desse processo ao destacarem que:

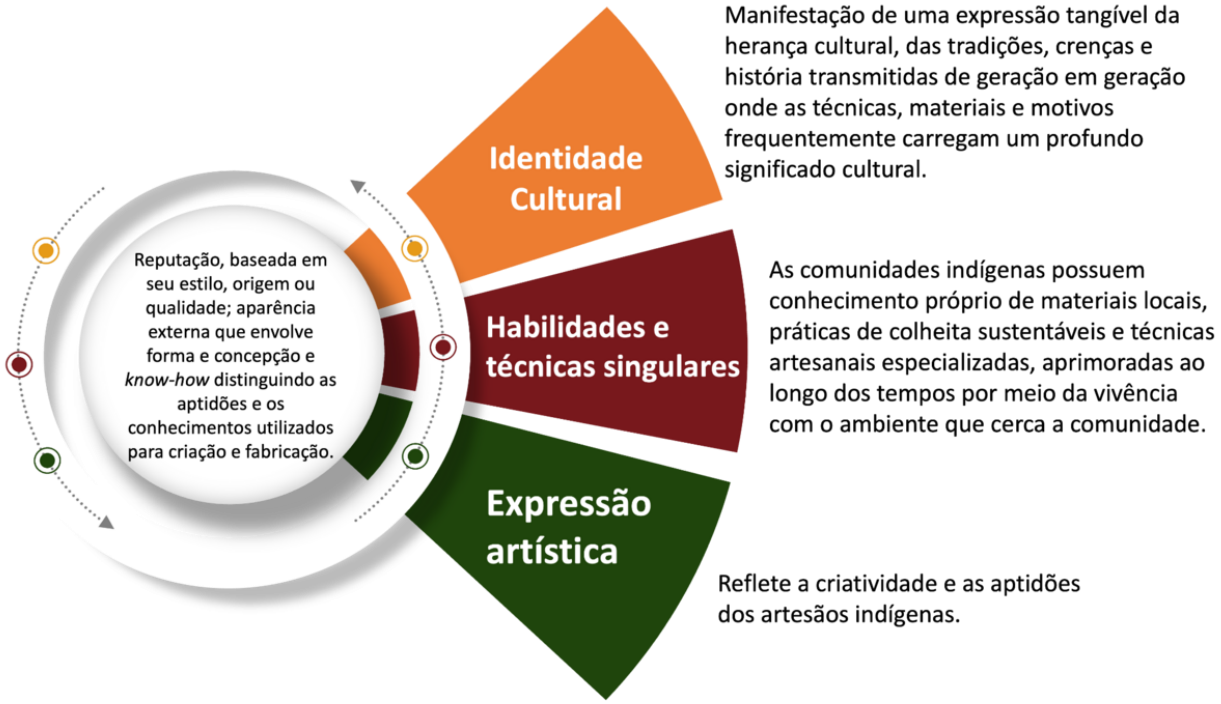
> A arte nas culturas indígenas frequentemente serve como um poderoso meio de expressão, narrativa e preservação cultural. As formas de arte indígenas podem incluir artes visuais, como pinturas, esculturas e entalhes, bem como artes cênicas, como música, dança e teatro. As criações artísticas frequentemente refletem crenças espirituais e culturais, conectando os indivíduos aos seus ancestrais, à terra e ao reino espiritual. Por meio da arte, os povos indígenas expressam suas identidades, histórias e lutas contínuas. As práticas artísticas também podem ser profundamente curativas, proporcionando um meio de catarse pessoal e coletiva, resiliência e transformação.

As evidências apresentadas pelos autores dimensionam a profundidade do saber indígena vinculado à arte, reconhecendo que sua natureza holística estabelece uma interconexão intrínseca entre a expressão estética, a espiritualidade e as dimensões de saúde e bem-estar. Sob essa ótica, os autores enfatizam que a arte, enquanto veículo de manifestação desses saberes, consolida um robusto senso de pertencimento e identidade, assegurando a continuidade cultural no seio das comunidades.

Ao transpor essa discussão para a promoção do empreendedorismo, Permatasari, Dhewanto e Dellyana (2023), ao analisarem a indústria têxtil na Indonésia, sustentam que a gestão do conhecimento tradicional é um vetor de desempenho sustentável. Para os pesquisadores, essa gestão potencializa a capacidade dinâmica dos processos de inovação, conferindo ao segmento uma vantagem competitiva distintiva no mercado.

No que tange à especificidade da gestão do conhecimento indígena aplicado ao artesanato, torna-se imperativo, inicialmente, observar os elementos estruturantes apresentados na Figura 1:

Figura 1 - Características da produção artesanal indígena



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Essas características fundamentam-se em três pilares distintos que sustentam a singularidade da produção artesanal indígena: a reputação, consolidada pelo estilo, origem ou qualidade; a aparência externa, que abrange a forma e a concepção estética; e o *know-how*, que distingue as aptidões e saberes técnicos aplicados à criação e manufatura (Gomes, 2024).

Tais componentes guardam relação direta com o conhecimento intrínseco às diversas expressões da arte indígena. Contudo, esse patrimônio enfrenta obstáculos significativos para se converter em inovação e empreendedorismo, visto que grafismos e técnicas ancestrais são vulneráveis à imitação e à exploração comercial sem

o devido reconhecimento ou repartição de benefícios. Torna-se imperativo, portanto, que esses saberes sejam amparados por estratégias de proteção que coíbam o uso comercial não autorizado pelos seus detentores (Gomes; Barbalho, 2024).

Para além da proteção legal, é necessário considerar que grande parte desse saber é de natureza oral e prática. Tal característica demanda estratégias de gestão que não apenas viabilizem sua salvaguarda, mas que estruturem mecanismos eficazes de transmissão.

Nesse sentido, algumas diretrizes propostas pelo Gemini (Google, 2025) podem ser implementadas:

- Documentação e registro: Vitalizar o registro de técnicas tradicionais, uso de materiais e significados culturais através de recursos audiovisuais, história oral e documentação escrita.
- Transferência intergeracional: Apoiar programas de mentoria, oficinas e imersões que facilitem o fluxo de saberes dos anciãos para os jovens nas comunidades.
- Iniciativas de base comunitária: Empoderar as comunidades para que gerenciem seu próprio capital intelectual por meio de protocolos internos, centros culturais e cooperativas.
- Direitos de propriedade intelectual: Utilizar instrumentos como indicações geográficas e marcas coletivas para garantir a proteção jurídica e a compensação justa pelo artesanato.
- Práticas sustentáveis: Alinhar a produção ao manejo consciente dos recursos naturais, reforçando os valores indígenas de conservação ambiental.

- Cocriação e colaboração: Estabelecer parcerias éticas com designers e organizações externas, pautadas pelo respeito e pela distribuição equitativa de benefícios.
- Integração tecnológica: Empregar a tecnologia para fins de documentação e acesso a mercados, desde que sob liderança comunitária e sensibilidade cultural.

As estratégias supracitadas revelam o amplo espectro de ações possíveis para a gestão do conhecimento indígena no artesanato. Entre elas, a documentação e o registro de técnicas constituem o cerne deste trabalho. A partir da análise de iniciativas globais nessa área, busca-se constituir uma alternativa sólida para amparar a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN).

3 EXPERIÊNCIAS GLOBAIS PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL

As iniciativas globais voltadas à documentação e ao registro do conhecimento tradicional, aplicáveis aos saberes artesanais indígenas, fundamentam-se na criação de bases de dados estruturadas para a salvaguarda e proteção desse patrimônio (Gomes, 2024). Tais registros constituem compilações organizadas de dados, desenvolvidas por ou para os povos originários, com o objetivo principal de controlar o acesso e impedir a apropriação indevida desses saberes.

Nesse contexto, Alexander *et al.* (2004) referenciado por Gomes (2024), enfatiza que a eficácia desses instrumentos reside na solidez do vínculo com as comunidades, na capacidade de manter o conhecimento em formatos utilizáveis, no rigoroso controle de

acesso por terceiros e na garantia do reconhecimento dos direitos comunitários sobre as informações resguardadas.

Sob essa premissa, o estudo analisou iniciativas e modelos referenciais de bancos de dados para delinear uma estratégia factível de documentação para a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), observando as seguintes experiências internacionais (Gomes, 2024):

- Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia (TKDL): Focada em prevenir a biopirataria e a apropriação indébita do conhecimento medicinal tradicional, estabelecendo um nexo entre a ciência moderna e a tradição para impulsionar pesquisas farmacológicas.
- Arts Centres Australianos: Instituições que atuam na preservação e promoção da arte aborígene, funcionando simultaneamente como espaços de criação, educação, comercialização e repositórios culturais.
- Portal do Conhecimento Tradicional Coreano (KTKP): Destinado à proteção e fomento do patrimônio imaterial da Coreia, abrangendo áreas como medicina, gastronomia e agricultura.
- Bancos de dados cooperativos de organizações não-governamentais – Honey Bee Network: Organização não-governamental (ONG) indiana que visa proteger os direitos de propriedade intelectual dos detentores do conhecimento tradicional.
- Registros estatais: Gerenciados pelo governo, essas bases de dados contribuem para a coleta, organização, proteção e preservação do conhecimento tradicional do país.

- Registro de Conhecimento Tradicional no Peru - Uma das primeiras iniciativas a estabelecer a proteção do conhecimento tradicional associado à biodiversidade das comunidades indígenas em países em desenvolvimento. O cadastro permite que os povos indígenas realizem o registro público ou confidencial do conhecimento tradicional por meio de uma organização representativa.
- Livro de Saberes no Brasil - Criado com o intuito de registrar os bens imateriais, o conhecimento, as habilidades e o modo de fazer das comunidades tradicionais no país.

Em termos estratégicos, a TKDL e o KTKP fazem uso da tecnologia digital como instrumento de proteção. Observa-se que, enquanto a TKDL está voltada para o reconhecimento e a preservação do patrimônio indiano, o KTKP busca promover os processos de inovação, viabilizando o acesso à produção científica que pode contribuir para o desenvolvimento de novos produtos. Os Arts Centres Australianos, por sua vez, promovem a valorização da arte aborígene enquanto manifestação cultural viva, garantindo os espaços necessários para fomentar a divulgação e a reprodução estética (Gomes, 2024).

Verifica-se na Honey Bee Network a ênfase no trabalho colaborativo e em rede, ao atuar em vários países e envolver agricultores, acadêmicos, empreendedores, ONGs, entre outros. O seu sistema de conhecimento baseia-se em três aspectos fundamentais: o reconhecimento do provedor do conhecimento, o reconhecimento da fonte do conhecimento e a repartição justa dos benefícios. Essas práticas protegem os direitos de propriedade

intelectual do provedor, valorizam o saber local impedindo que seja apropriado indevidamente e possibilitam que qualquer benefício oriundo da valorização do conhecimento tradicional e da inovação retorne de maneira justa e razoável para as comunidades (Honey Bee Network, 2024?). Quanto ao Registro de Conhecimento Tradicional no Peru e ao Livro de Saberes brasileiro, notam-se aspectos mais regulatórios e preservacionistas, tendo em vista o seu vínculo com o governo.

No que tange à inovação, a TKDL destaca-se por seu sistema de classificação inovador e interface multilíngue, traduzindo para idiomas globais conhecimentos outrora restritos a dialetos locais. No campo jurídico, a base permite que examinadores de escritórios de patentes em todo o mundo consultem o estado da técnica, impedindo o patenteamento de saberes tradicionais pré-existentes.

O KTKP apresenta caráter inovador ao digitalizar vasta documentação histórica, contribuindo para a gestão e disseminação do conhecimento coreano. Sua função de proteção defensiva é similar à indiana, fornecendo subsídios para examinadores de patentes e fomentando a Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) com potencial aplicação industrial (Gomes, 2024).

Os Arts Centres Australianos inovam ao inserir a arte dos povos originários no sistema nacional de artes, tratando-a como um elemento em constante evolução. Essa estratégia não apenas melhora as condições socioeconômicas das comunidades, mas também fortalece a transmissão de saberes. Em termos de proteção, embora enfrentem desafios, contribuem para a defesa da propriedade intelectual por meio de sistemas de gestão da

informação e selos de autenticidade que garantem a originalidade das obras (Goldstein, 2017; Gomes, 2024).

A Honey Bee Network, destaca-se por inovar metodologicamente ao estabelecer bases para o seu sistema de conhecimento, incluindo a coleta, reconhecimento, consentimento e repartição dos benefícios. Além disso, conta com um banco de dados com mais de 100.000 ideias, inovações e práticas de conhecimentos tradicionais e inovações populares (Honey Bee Network, 2024?).

O Registro de Conhecimento Tradicional no Peru, apresenta inovação jurídica, ao ser considerado um dos primeiros países a estabelecer a proteção do conhecimento tradicional associada à biodiversidade das comunidades indígenas em países em desenvolvimento. O registro peruano possibilita aos povos indígenas a proteção de seu conhecimento de forma confidencial, evitando que outros indivíduos a utilizem sem autorização (Gomes, 2024).

O Livro de Saberes no Brasil, por sua vez, possui inovação moderada em relação às demais iniciativas estudadas, concentra-se no reconhecimento simbólico e na preservação documental. Os bens culturais aprovados e registrados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) recebem o título de Patrimônio Cultural do Brasil, portanto, a inserção de um conhecimento tradicional no Livro de Registros representa a importância deste conhecimento para o país (Gomes, 2024).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o propósito de refletir sobre a gestão do conhecimento indígena aplicado à produção artesanal, o estudo adota uma abordagem exploratória e qualitativa, a partir da análise comparativa

de modelos internacionais bem-sucedidos, com vistas a identificar estratégias que possam fortalecer e proteger os saberes das mulheres indígenas da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), em Manaus. O percurso metodológico adotado pode ser observado na Figura 2, que sintetiza as cinco etapas que nortearam o desenvolvimento da pesquisa.

Figura 2 - Fluxo das etapas metodológicas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio do NotebookLM (2026).

A primeira etapa consistiu no acolhimento da demanda da AMARN, momento em que foram identificadas as necessidades da Associação em relação à documentação e à salvaguarda de seu conhecimento tradicional. A segunda etapa, de alinhamento por meio de conversas, compreendeu reuniões com a coordenação da Associação para definir o escopo da pesquisa, os objetivos do repositório e as prioridades de digitalização dos registros disponíveis.

Na sequência, realizou-se o estudo de modelos internacionais, por meio de pesquisa documental abrangente, que explorou como diferentes países implementaram registros e bases de dados para documentar, preservar e proteger o conhecimento tradicional em contextos ligados ao artesanato. Foram analisadas iniciativas como a Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia (TKDL), o Portal do Conhecimento Tradicional Coreano (KTKP), os Arts Centres Australianos, a base do portal canadense *The IQ Adventure!, além de* iniciativas como o banco de dados da ONG Honey Bee e outras formas de registros estatais, como o Livro dos Saberes no Brasil, os quais, em conjunto, permitiram uma comparação detalhada entre os modelos internacionais, proporcionando a identificação de estratégias de gestão adaptáveis ao contexto da AMARN.

Por fim, as duas últimas etapas consistiram na definição do modelo para a AMARN, na qual, a partir da análise comparativa dos modelos internacionais e das informações levantadas junto à Associação, foram definidos os elementos constitutivos do repositório digital proposto como produto desta pesquisa. Esse processo incluiu a realização de entrevistas semiestruturadas com as cinco anciãs da Associação, selecionadas pela coordenação em razão de sua participação na fundação da AMARN ou de seu maior tempo de associada, além da digitalização e organização dos documentos institucionais em formatos adequados para armazenamento e recuperação da informação. O questionário utilizado nas entrevistas foi elaborado com base nos critérios da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e no manual do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), como roteiro para o relato das anciãs, capturando suas percepções sobre o valor do conhecimento

tradicional no artesanato, a importância dos produtos, o tempo de experiência e o aprendizado das técnicas artesanais.

5 PROPOSTA PARA AS ARTESÃS AMAZÔNICAS

A fundação da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), ocorreu de forma não oficial em 1984 e foi formalizada em 1987, representando um esforço para criar um espaço de referência e apoio para que as mulheres indígenas residentes em Manaus se reunissem, compartilhassem experiências e buscassem soluções para seus problemas (AMARN, 2024).

De acordo com os registros de Silva (2020), a Associação das Mulheres Indígenas é composta por membros de 10 etnias: Arapaço, Baré, Dessano, Karapanã, Miriti-Tapuya, Piratapuya, Tutuka, Tukano, Tariano e Wanano. Nessa composição, as etnias Tukano, Dessano e Tariano se destacam, com a primeira sendo a mais representativa.

Em essência, a AMARN está relacionada a alguns pontos fundamentais que fortalecem suas ações: representatividade; acesso a serviços e suporte; desenvolvimento sustentável e econômico; preservação cultural, educação, defesa de direitos e conscientização. Tais fundamentos refletem um compromisso profundo com o bem-estar, a justiça social, o respeito pela diversidade cultural e a sustentabilidade, buscando não apenas melhorar as condições de vida das mulheres indígenas e suas famílias, mas também preservar e promover seu rico patrimônio cultural para as gerações futuras.

A diversidade de artesanatos produzidos pelas associadas da AMARN, segundo Silva (2020), inclui itens como tecidos feitos em tear, porta-joias em formatos de elementos da natureza, brincos e

tiaras de tucum e semente de açaí, colares, brincos de pena natural, acessórios para cabelo, pulseiras, tornozeleiras, bolsas de vários tipos, jogos americanos, centros de mesa com grafismos indígenas, além de vários tipos de cestaria. Todos esses itens refletem a riqueza cultural e a habilidade artesanal dessas comunidades e esses objetos não apenas servem a propósitos práticos e estéticos, mas também atuam como expressões tangíveis do patrimônio cultural, transmitindo tradições, técnicas e valores indígenas para todas as gerações.

O modelo para a gestão do conhecimento das anciãs que atuam na Associação foi delineado a partir do exame de experiências globais e da constituição de um repositório para salvaguardar seus depoimentos. Os relatos foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, compostas por questões criadas com base nos critérios da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e do manual do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Todo processo de obtenção de dados e gravação das entrevistas foi acompanhado por uma representante da organização, possibilitando o armazenamento de informações que outrora não possuíam registros na Associação, viabilizando um formato de documentação do conhecimento tradicional utilizado na fabricação do artesanato, constituindo-se assim, a salvaguarda desse conhecimento.

A estrutura adotada para estabelecer a arquitetura informacional do repositório utilizou a combinação entre os métodos analisados, os documentos da Associação e os relatos das anciãs. Com base nesses dados, realizou-se a organização das comunidades, coleções e metadados de forma a abranger as principais informações

relacionadas aos documentos da associação e as entrevistas realizadas.

A Figura 3 mostra a estrutura do repositório, na qual a coleção é definida de forma a expor as peculiaridades dos registros inseridos, sendo compostas de:

- Arquivos Administrativos: ofícios e declarações que possuem arquivos fundamentais para o gerenciamento diário da associação.
- Arquivos Históricos: conhecimentos tradicionais que possuem os registros relacionados às práticas, saberes e tradições e Memorial das anciãs que constituem documentos que preservam a memória e os relatos das anciãs. Dentro desta coleção foi criada a sub coleção Entrevistas, como forma de diferenciar o tipo de coleta de dados.
- Arquivos Colaborativos: projetos de pesquisa e artigos que possuem documentos relacionados à participação da Associação com outras diversas partes interessadas, como outras associações, ONGs e pesquisadores.

Figura 3 - Estrutura ramificada do repositório



Fonte: Gomes (2024).

Cada categoria de arquivo contém tipos específicos de documentos que foram agrupados de acordo com sua função e propósito dentro do repositório, sendo na primeira divisão do repositório disponibilizadas as comunidades e posteriormente as coleções.

Para uma identidade visual do repositório com a Associação, buscou-se utilizar as cores da marca registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) pela a AMARN, retirando os elementos não necessários no visual padrão da versão do DSpace 7, de modo a oferecer destaque para AMARN e na sua marca, conforme pode ser observado na Figura 4.

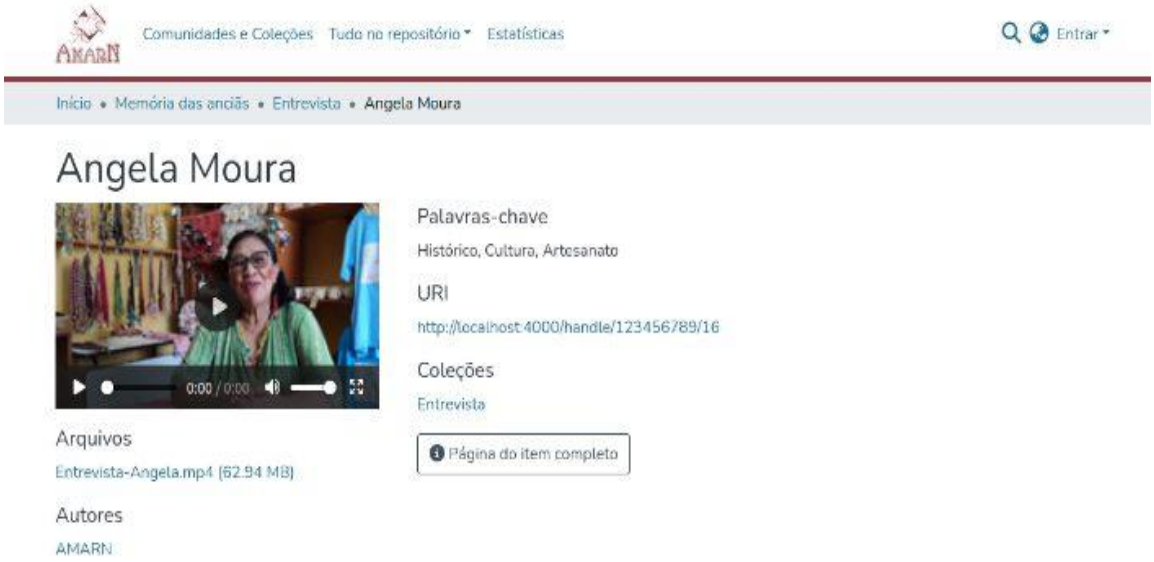
Figura 4 - Página inicial do repositório



Fonte: Gomes (2024).

A Figura 5 exibe a área de visualização do vídeo de entrevista, com a possibilidade de assisti-lo sem a realização de *download* do arquivo e os metadados configurados em consonância aos encontrados na base canadense *The IQ Adventure!* (Canadá, 2024).

Figura 5 - Registro do Repositório da coleção entrevistas



Fonte: Gomes (2024).

A partir das ações de documentação e salvaguarda do conhecimento tradicional, pode-se identificar uma série de impactos decorrentes da pesquisa realizada, que refletem tanto como benefícios diretos para a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) quanto para outras comunidades, incluindo o potencial para influenciar políticas e práticas de preservação cultural em nível local e nacional.

Dentre todos, destaca-se a gestão do conhecimento indígena por meio da externalização dos saberes das anciãs, especialmente porque tornar esse conhecimento explícito e salvaguardá-lo implica não apenas perpetuar práticas ancestrais para as futuras gerações, mas também reforça a identidade cultural e a unidade social das mulheres indígenas envolvidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte indígena brasileira apresenta uma pluralidade cultural única. Nesse contexto, o artesanato indígena representa uma das expressões vivas dos saberes ancestrais, da conexão com a natureza

e da diversidade cultural dos povos originários. Por meio da análise de experiências bem-sucedidas mundialmente, que buscam proteger o conhecimento tradicional contra a apropriação indevida da cultura e dos saberes dos povos originários, elaborou-se uma proposta de modelo para a gestão do conhecimento indígena, em especial do conhecimento das anciãs que fazem parte da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN).

No que tange à análise das iniciativas e modelos de referência globais, constatou-se, a partir da Biblioteca Digital de Conhecimento Tradicional da Índia, do Portal do Conhecimento Tradicional Coreano, dos Arts Centres Australianos e do Honey Bee Network, a importância dos recursos tecnológicos como suporte à proteção desse patrimônio, como a criação de bases de dados que possam colaborar com a gestão, preservação, consulta e disseminação do conhecimento tradicional nacional. As estratégias utilizadas por cada país podem variar conforme o contexto cultural, tecnológico e de políticas públicas, sendo importante analisá-las e adaptá-las conforme às necessidades e características de cada nação e comunidade tradicional, as quais precisam estar efetivamente envolvidas nas iniciativas adotadas. Aliada à maior conscientização da população quanto à importância e ao valor do conhecimento tradicional, a fim de combater a exploração indevida e contribuir para o respeito, o reconhecimento, o compartilhamento equitativo de benefícios e a melhoria nas condições socioeconômicas dos povos originários.

Assim, buscou-se como solução para as necessidades da AMARN a criação um repositório digital que salvaguardasse tanto a documentação da associação quanto os relatos das anciãs,

contribuindo para o registro do conhecimento tradicional indígena aplicado ao artesanato. Pode-se dizer que o conhecimento tradicional documentado possibilita à Associação autonomia para gerenciar e proteger seu conhecimento milenar, além de fortalecer sua identidade cultural e transmiti-lo às gerações futuras.

Ademais, o trabalho realizado possui algumas limitações que devem ser destacadas, como a necessidade de manutenção e atualização do repositório digital para versões mais recentes, visando ao uso contínuo pela Associação. Nota-se, portanto, a importância e a necessidade de profissionais vinculados às áreas de informação, comunicação, design, tecnologia da informação, entre outras, para auxiliar na pesquisa, na documentação e na salvaguarda desse conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO EM MANAUS – AMARN (Brasil). **Quem somos**. [*S. l.: s. n.*], 2024. Disponível em: https://amarn.org/quemsomos/. Acesso em: 23 ago. 2024.

BARROS, Luiz Antônio dos Santos. **Design e artesanato**: as trocas possíveis. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.9596. Acesso em: 23 ago. 2024.

CANADÁ. Department of Canadian Heritage. **The IQ Adventure!.** [*S. l.: s. n.*], 2024. Disponível em: http://www.inuitq.ca/. Acesso em: 05 mar. 2024.

GOES, Vanessa de Araujo; LUNGU, Bwalya; MASEKO, Menzi. Exploring utoethnographic and Arts-Based Approaches to Planetary Health: honoring diversity through creativity, indigenous knowledge systems and loving relationships. **Challenges**, [*S.l.*], v. 14, n. 4, p. 53-63, 2023. Disponível em:

https://doi.org/10.3390/challe14040053. Acesso em: 15 maio 2025.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Das artes tradicionais à economia criativa: a pintura indígena da Austrália e sua inserção no sistema das artes. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 489-498, set./dez. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.09. Acesso em: 14 maio 2025.

GOMES, Marcos Roberto de Souza. **A propriedade intelectual aplicada ao conhecimento tradicional no artesanato indígena do Amazonas**. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação) - Faculdade de Estudos Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10634. Acesso em: 23 fev. 2025.

GOMES, Marcos Roberto de Souza; BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Bases de dados de conhecimento tradicional como estratégia de proteção. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 17, n. 4, p. 1196-1213, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.9771/cp.v17i4.59851. Acesso em: 20 nov. 2024.

GOOGLE. **Gemini**. Resposta ao prompt "Estratégias para gestão do conhecimento indígena para o artesanato". 14 mai. 2025. Disponível em: https://gemini.google.com/. Acesso em: 14 maio 2025.

HONEY BEE NETWORK. **About us**. [*S.l.*], 2024?. Disponível em: https://honeybee.org/aboutus.php. Acesso em: 1 mar. 2026.

MEKONEN, Abebe Arega; ESHETU, Amogne Asfaw. Understanding the indigenous knowledge-based Tub and griddle pan handcrafting business in Dessie, Ethiopia. **Cogent Social Sciences**, [*S.l.*], v. 10, n. 1, p. 1-24, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1080/23311886.2024.2316943. Acesso em: 14 maio 2025.

PERMATASARI, Anggraeni; DHEWANTO, Wawan; DELLYANA, Dina. The role of traditional knowledge-based dynamic capabilities to

improve the sustainable performance of weaving craft in Indonesia. **Journal Of Enterprising Communities**: People and Places in the Global Economy, [*S.l.*], v. 17, n. 3, p. 664-683, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1108/jec-11-2021-0156. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, Maria Isabel de Oliveira da. **Mulheres indígenas do Alto rio Negro em Manaus**: uma etnografia da AMARN. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SYDORA, Beate C.; LISTENER, Luwana; KUNG, Janice Y.; ROSS, Sue; VOYAGEUR, Cora. Traditional crafting as a catalyst for Indigenous women's intergenerational cohesion and wellness: a canadian perspective. **International Journal of Circumpolar Health**, [*S.l.*], v. 82, n. 1, p. 1-11, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/22423982.2023.2175763. Acesso em: 13 maio 2025.

LICENÇA DE USO
Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

PUBLISHER
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL
Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

COMO CITAR
GOMES, Marcos Roberto de Souza; BARBALHO, Célia Regina Simonetti; YANAI, Angela Emi. Gestão e salvaguarda de saberes dos povos originários: um modelo de organização do conhecimento para as artesãs indígenas do Alto Rio Negro. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 1-24, jan./jun. 2026.